

O ESPORTE PARALÍMPICO: VIVÊNCIAS PRÁTICAS

Joslei Viana de Souza

Richardson Santana Bispo

Erick de Andrade Santos

Antonio Marcos Santos Mendes

Eduarda Souza Fernandes

Hildo Leonardo Gonçalves Pinto

Camila Fabiana Rossi Squarcini

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

INTRODUÇÃO

Os primeiros vestígios do esporte “adaptado”, como conhecemos atualmente, emergiu no pós-Guerra Mundial, quando os países que guerrearam receberam seus militares com sequelas físicas. Assim, naquela época os centros de reabilitação começaram a trabalhar os esportes adaptados, com o intuito de reabilitar. Com o passar do tempo, diversos esportes passaram a ter suas regras adaptadas para possibilitar às pessoas com deficiência a sua prática e treinamento (ARAÚJO, 2011; SALERNO; ARAÚJO, 2008; CIDADE; FREITAS, 2000).

Com o tempo, equipes estavam sendo formadas para disputarem partidas, passando a países e aos poucos vários países até chegarmos na atualidade aos Jogos Paralímpicos, o principal evento esportivo para pessoas com deficiência atualmente (MARQUES, 2009).

De origem grega, a palavra Paralímpico é a união da preposição “para” (que significa “ao lado, paralelo”) com “olímpico”, referenciando a ocorrência paralelamente aos jogos Olímpicos desde a década de 1960. Seu significado também referenciava a paraplegia (para) e os jogos olímpicos, mas essa conotação perdeu seu sentido na medida em que outros grupos de pessoas com deficiência acabaram sendo incorporados aos jogos (SENATORE, 2006).

Contudo, embora ocorram sempre após as Olimpíadas, inclusive utilizando os mesmos espaços físicos (salvos as adaptações necessárias), os esportes Paralímpicos se mostram menos desenvolvidos economicamente e com menor visibilidade, possivelmente pela falta de conhecimento da população e ainda a crença na incapacidade das pessoas com deficiências de realizarem atividades esportivas (MARQUES et al., 2009).

Mas é indiscutível o crescimento dos esportes para pessoas com deficiência, a sua evolução e o sua legitimidade, sendo considerado, atualmente, importante conhecimento para a cultura corporal a ser abordado na escola, como tem sido proposto pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

Falar sobre o esporte paraolímpico na escola, é abrir espaço para a atividade física inclusiva. Nesse contexto, é ir além de ofertar o acesso e a adaptação para apoiar a participação de todos, é também envolver todos para incluir indivíduos com diferentes habilidades nas atividades, trata-se, aqui de abraçar a crença da equidade, em que o equilíbrio de oportunidades seja ofertado para todos, independentemente de sua consideração e esforço (KASSER; LYTLE, 2003).

Diante disso, o presente artigo apresentará o relato de experiência de uma aula prática sobre o esporte adaptado, que envolveram escolares de uma escola pública vizinha da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus (BA). Essa aula foi a continuidade da aula teórica, descrito anteriormente, e que esteve vinculado à disciplina “Oficina Pedagógica VI - Educação Inclusiva” do curso de Licenciatura em Educação Física da UESC.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

As ações que serão relatadas foram articuladas com a prática pedagógica da Educação Física com base na perspectiva da educação inclusiva, tendo em vista oportunizar questões relacionadas ao processo educativo, como a interdisciplinaridade, o trabalho coletivo e a formação pedagógica dos licenciandos.

Diante disso, foi pensado em uma aula prática de Educação Física escolar na qual escolares pudessem vivenciar, a partir das estratégias pedagógicas planejadas na disciplina da graduação, experiências com os desportos adaptados: bocha, goalball e basquete em cadeira de rodas.

Assim, o público alvo foi todo escolar de uma escola Municipal de Ensino Fundamental (anos finais), vizinha da UESC. Participaram neste dia seis turmas (três na intervenção do sexto semestre – manhã, e três na intervenção do oitavo semestre - tarde). Cada turma apresentava entre 20 a 30 alunos. Em relação às características das turmas, eram compostas por meninos e meninas com idade entre 10 a 15 anos e foi identificado em uma das turmas um aluno com deficiência visual.

O ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA

Joslei Viana de Souza | Richardson Santana Bispo | Erick de Andrade Santos | Antonio Marcos Santos Mendes | Eduarda Souza Fernandes | Hildo Leonardo Gonçalves Pinto | Camila Fabiana Rossi Squarcini

As aulas ocorreram na UESC, no pavilhão do Parque Desportivo, onde utilizou-se a quadra poliesportiva para a aula de basquete em cadeira de rodas; a sala de dança/capoeira para a bocha adaptada e a sala do tatame para o goalball.

Dois semanas antes de aplicar as oficinas foi realizado um planejamento das atividades ministradas, em que os discentes da UESC se dividiram em pequenos grupos, os quais ficaram responsáveis por confeccionar e ministrar um plano de aula sobre a modalidade designada para cada grupo. Todas as ações foram orientadas, supervisionadas e corrigidas pelas docentes da disciplina.

A aula foi realizada no dia em que os escolares teriam a aula de Educação Física na escola, inclusive mantendo o mesmo local das aulas, a própria UESC. Ao chegar para a aula deste dia, os escolares foram reunidos na arquibancada (Figura 1) para apresentar as vivências do dia e para distribuí-los em grupos a fim de garantir para cada um a vivência em duas modalidades esportivas.



Figura 1. Reunião inicial explicar as atividades e distribuí-los entre as modalidades esportivas. Fonte: Arquivo pessoal (2019)

As aulas seguiram uma estrutura padrão, na parte inicial os discentes de Educação Física informavam sobre o que era a modalidades, quais as principais características, público alvo e regras, recordando os conhecimentos que eles já haviam adquiridos na aula teórica (para mais detalhes, ler artigo “O esporte adaptado: uma proposta a ser trabalhada nas aulas teóricas” publicado neste volume da revista). Em seguida, as atividades planejadas foram direcionadas para que os escolares tivessem a experiência com o ambiente esportivo, os

O ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA

Joslei Viana de Souza | Richardson Santana Bispo | Erick de Andrade Santos | Antonio Marcos Santos Mendes | Eduarda Souza Fernandes | Hildo Leonardo Gonçalves Pinto | Camila Fabiana Rossi Squarcini

materiais e os recursos utilizados na modalidade. Por exemplo, no basquete em cadeira de rodas uma das primeiras atividades foi experimentar o descolamento com a cadeira de rodas.



Figura 2. Vivência com a cadeira de rodas para a prática do basquetebol em cadeiras de rodas. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Posteriormente, foram propostas atividades com objetivo de vivenciar os fundamentos básicos do esporte adaptado, como formas de arremesso, de passe, ataque, defesa, entre outros padrões de movimento de cada modalidade (Figura 3). E, por fim, foi proposto a vivência do jogo da modalidade, com adaptações à realidade, às habilidades motoras e ao nível de ensino dos escolares. Ao término da vivência em cada modalidade foi realizado uma roda de conversa para que os escolares pudessem não somente compartilhar suas experiências vivenciadas como também de refletir acerca da pessoa com deficiência e de como elas vivem no dia-a-dia.



Figura 3. Da esquerda para direita, vivência do posicionamento no goalball e arremesso da bocha adaptada. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Sobre o basquete em cadeira, no primeiro momento cada escolar pôde vivenciar a cadeira de rodas de forma livremente para saber quais as possibilidades de movimentação. No segundo momento a intenção foi trabalhar alguns fundamentos, tais como drible, arremesso e passe, através de atividades específicas, como passar entre cones seguido de passar a bola, ou arremessar a bola na cesta em diferentes ângulos. Após esses dois momentos foi realizado uma adaptação do jogo, para facilitar as jogadas, a exemplo, da utilização de meia quadra e o uso de arcos como cesta.

Na bocha adaptada, foram executadas diversas atividades, anteriormente, a exemplo da atividade que consistia em acertar o maior número de bolas nos arcos que tinham diferentes pontuações e que estavam espalhados pelo chão. Após a compreensão de peso, distância, a necessidade de jogar na posição sentada, foi realizado o jogo (Figura 4).



Figura 4: Jogando a bocha adaptada. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O goalball teve início com alguns educativos para que os escolares conseguissem perceber e se deslocar conforme os sons produzidos pela bola. Também, neste momento, foi ensinado o manejo correto da bola, a necessidade do silêncio e concentração, pois todos estavam vendados. Um exemplo de atividade educativa foi a do seguir o som das palmas, onde o professor batia a palma e o escolar (um por vez) deveria se deslocar em sua direção. Depois disso, foi realizada a atividade de posicionamento (exemplo na Figura 5) e o jogo adaptado (Figura 6).

O ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA

Joslei Viana de Souza | Richardson Santana Bispo | Erick de Andrade Santos | Antonio Marcos Santos Mendes | Eduarda Souza Fernandes | Hildo Leonardo Gonçalves Pinto | Camila Fabiana Rossi Squarcini



Figura 5 e 6: Aprendendo a posição de defesa do goalball e a vivência do jogo. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Alguns dos escolares demonstraram dificuldade em algumas das atividades, como, por exemplo, no Goalball o fato de manter o rosto vendado e, além disso, pegar e arremessar a bola sem enxergar, no basquete em cadeira de rodas a dificuldade central esteve no domínio da cadeira e na resistência física para tal, e na bocha a dificuldade esteve em realizar os arremessos sem se levantar da cadeira. Mas essas dificuldades é que puderam os desafiar a refletir no momento da conversa, questionando como tem sido a vida das pessoas com deficiência no cotidiano e se o bairro em que eles moram e a escola que estudam são adaptados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os pontos positivos dessa proposta, é possível destacar a iniciativa e atitude dos envolvidos para transmitir conhecimentos aos escolares acerca da inclusão escolar e dos esportes para pessoas com deficiência como sendo um dos elementos da cultura corporal de movimento, pois são ações desse tipo que tornam o ensino uma arte, que ao utilizar de diferentes estratégias para driblar os obstáculos emergentes no espaço escolar, se tem sucesso. Outro ponto positivo foi a reação dos escolares ao participarem das atividades, pois eles demonstraram e relataram sentimentos de satisfação e aprendizado, além disso percebeu-se que os conhecimentos transmitidos eram uma novidade para eles e que aquela aula teórica que eles fizeram fecharam o conhecimento com essa aula prática.

Desse modo, para os discentes matriculados na disciplina “Oficina Pedagógica VI - Educação Inclusiva” do curso de Licenciatura em Educação Física da UESC foi possível vivenciar um futuro ambiente de trabalho e campo de atuação profissional. Com isso, muitos saberes foram adquiridos, como também, dificuldades e desafios foram experimentados e superados

com as orientações das docentes da disciplina. Enfim, percebe-se que estas atividades propiciaram uma instrumentalização profissional e ligação entre o meio acadêmico e o profissional, pois os discentes do curso de Educação Física introduziram e aplicaram na prática as orientações e os conhecimentos transmitidos das disciplinas referentes à educação inclusiva e atividade física adaptada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, p. 595, 2018.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Desporto e deficiência. In: FREITAS, P. S. **Educação Física e Esporte para deficientes: coletânea**. Uberlândia: UFU, 2000.

KASSER, S. L. LYTLE, R. K. **Inclusive physical activity: promoting health for a lifetime**. Champaign: Human Kinetics, 2013.

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E., GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365-77, 2009.

SENATORE, V. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, A. J. M.; SOUZA SOBRINHO, P. A.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de Educação Física**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

SALERNO, M.; ARAÚJO, P. Esporte Adaptado como tema da Educação Física Escolar. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 6, ed. especial, p. 212-221, 2008.

NOTA SOBRE AUTORES

Joslei Viana de Souza

Professora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

e-mail: josleisouza31@gmail.com

Richardson Santana Bispo

Licencianda em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

e-mail: rickS.B@hotmail.com

O ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA

Joslei Viana de Souza | Richardson Santana Bispo | Erick de Andrade Santos | Antonio Marcos Santos Mendes |
Eduarda Souza Fernandes | Hildo Leonardo Gonçalves Pinto | Camila Fabiana Rossi Squarcini

Erick Andrade Santos

Licenciando em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

e-mail: erickandradebjj@gmail.com

Antonio Marcos Santos Mendes

Licenciando em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

e-mail: marcosmendes30@hotmail.com

Eduarda Souza Fernandes

Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

E-mail: eduardafernandes07@gmail.com

Hildo Leonardo Gonçalves Pinto

Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

E-mail: hildo.leo@hotmail.com

Camila Fabiana Rossi Squarcini

Professora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz-

UESC, e-mail: cfrsquarcini@uesc.br